

LINGUAGEM CORPORAL E A PSICANÁLISE

Larissa Souza Lima; Laura Cordeiro Rocha; Nathalia Luiza de Freitas Silva *

Professora Orientadora: Carla Cruz

RESUMO

Segundo Tenenbaum (1993), para entender melhor a linguagem corporal é preciso conhecer a linguagem emocional, considerada pela Psicanálise como "Processo Primário de Pensar". Na obra "A Interpretação dos Sonhos" (1901), de Sigmund Freud, foram descritos dois processos de Pensar que estão em ação na mente, estes sendo a linguagem racional e a emocional, sendo a segunda forma de manifestação o foco principal. Este estudo trata-se de uma Revisão Integrativa que tem por objetivo relacionar a expressão corporal com diagnósticos de transtornos emocionais pela abordagem psicanalítica através do método analógico. Para tal, foram usadas as bases de dados Scielo, Anais do Congresso, e periódicos disponíveis no Brasil, nas bibliotecas da Universidade Salgado de Oliveira e da Universidade Federal de Minas Gerais. Os resultados mostram que é possível compreender como os transtornos emocionais se expressam, fazendo uso da abordagem psicanalítica.

Palavras-Chave: Linguagem Não Verbal. Psicanálise. Comportamento. Expressão Corporal. Comunicação. Histeria. Problemas Emocionais. Alterações Afetivas.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Pease (2005), a comunicação é um processo ao qual os seres humanos atribuem significados a alguns fatos produzidos, como o comportamento de outras pessoas. A comunicação não verbal possui uma relação de interdependência com a interação verbal, onde mensagens não verbais têm mais significação.

Segundo Weil e Tompakow (2015) linguagem corporal é um aspecto do comportamento humano que não pode ser transmitido apenas a partir de palavras. É preciso olhar como

a pessoa se comporta para entender o que ela transmite e escutar o que está sendo dito, pois ambos formam "uma unidade de comunicação intensa, clara, simples".

Com relação à expressão corporal, o homem transmite mensagens a partir de simbolismo, visto em seu comportamento. Há três formas que expressam sentimentos: o abdômen, o tórax e a cabeça. O abdômen transmite se a pessoa se sente à vontade ou aceita uma ideia. O tórax é o centro da emoção. Quando uma pessoa se sente vaidosa, egocêntrica ou quer se impor, há uma preponderância do tórax. Quando está encolhido, naquele momento a pessoa se sente diminuída, tímida, submissa ou retraída. Já na postura normal, a pessoa está com seus sentimentos equilibrados. A cabeça "indica o estado de controle do corpo pela mente": cabeça erguida indica alto controle mental; cabeça baixa mostra que o indivíduo é controlado por estímulos externos; e a cabeça em posição normal indica um controle normal da mente. Ao analisar esses estímulos simultaneamente, é possível dizer se os sinais são concordantes entre si, e ter uma noção mais clara do que a pessoa sente em determinado momento (WEIL; TOMPAKOW, 2015).

Segundo Tenenbaum (1993), para entender melhor a linguagem corporal é preciso conhecer a linguagem emocional, considerada pela Psicanálise como "Processo Primário de Pensar". Na obra "A Interpretação dos Sonhos" (1901), de Sigmund Freud, foram descritos dois processos de Pensar que estão em ação na mente, estes sendo a linguagem racional e a emocional. Como explica Freud, a linguagem emocional foi chamada de "Processo Primário de Pensar" pois é a primeira a se desenvolver no ser humano, começando a partir dos vínculos que as pessoas estabelecem com o bebê, e é formada pelas representações do objeto que são geradas pelos estímulos biológicos e corporais que o bebê recebe desde os primeiros cuidados. A linguagem emocional se expressa utilizando-se das representações de cenas com os objetos que foram relacionados pela pessoa ao estímulo. Essas cenas mentais são chamadas de "fantasias". Dessa maneira, todas as vezes que somos estimulados por eventos biológicos (internos), ou sociais (externos), nossa mente gera uma fantasia.

De acordo com Anzieu (1998), é válido mencionar a respeito da visão psicanalítica sobre o corpo, exemplificando o "processo primário de pensar", tem-se a relação da mãe com o bebê, onde a mesma irá satisfazer as necessidades deste para aliviar sua tensão

interna sentida. A mãe o ajudará a ler as sensações corporais, imagens sons que lhe chegam, formando um "corpo de sensações". Quando o bebê chora, a mãe irá apaziguar as sensações corporais desagradáveis. E a mãe, a partir desse cuidado, o transforma em "um corpo falado", e a partir disso a criança posteriormente conseguirá ver o seu corpo como unificado. A partir do sintoma a língua faz com que o corpo se torne falante. A linguagem é o que afeta o sujeito.

Para Lacan apud QUINET (2017), o ser falante não apenas tem um corpo, como é o corpo. O corpo pode demonstrar sintomas, e é preciso aprender a percebê-lo. Esse sintoma também pode aparecer de forma falada de forma que, apenas em uma análise, não é possível que o sujeito perceba o que ele está passando e como lidar com o problema. A histerossomática, então, abordaria o corpo através da psicanálise, de forma que haveria uma disputa entre o consciente e o inconsciente. Isso faria o sujeito perceber o que está passando. Nela, o afeto também é incluído, pois o corpo se compromete quando há angústia. O corpo é marcado por reações que acontecem, onde não se considera apenas a voz. Porém, a mesma ainda é importante. Além do que é dito, o mais importante é a forma e como é dito, como o conteúdo da mensagem, entonação da voz e ritmo da fala, por exemplo. Durante momentos em que há felicidade, como durante uma paixão, pode-se sentir o coração disparado, boca seca, pernas tremendo. Durante o nervosismo, pode-se notar dor no peito, taquicardia, aflição, entre outros.

O objetivo da pesquisa é entender como a psicanálise utiliza a linguagem não verbal para identificar os problemas emocionais.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Os tipos de linguagem

Para Birdwhistell (1985), as palavras pronunciadas (linguagem verbal), compõem apenas 35% do significado daquilo que a pessoa deseja comunicar, já que, apesar de verbalizar, o ser humano é um ser multissensorial. Por isso se atentar às diversas formas de linguagem é tão importante.

A comunicação é o processo de interação em que se há troca de mensagens, ideias, sentimento e emoções, de forma que é possível influenciar a forma como o outro se comporta. As pessoas reagem, então, a partir de suas próprias crenças, valores, experiências vividas e cultura na qual estão inseridas. A comunicação interpessoal é definida por Silva (2001) como o conjunto de movimentos integrados que torna possível o relacionamento com as pessoas, no qual esses movimentos são calibrados, regulados e mantidos. Enquanto isso, para Birdwhistell (1970), a comunicação não verbal inclui todas formas de comunicação que não contenham palavras expressas, mas sim os órgãos do sentido.

A comunicação não verbal pode ser transmitida de diversas formas, como a partir da dança, de elementos visuais, dentre outros. De acordo com Silva (2017), a criatividade é a forma em que uma pessoa pode se expressar. Para Caetano (2019), a dança era uma forma em que as pessoas expressavam seus sentimentos desde a antiguidade. Já para Knapp (1980), a expressão não verbal possui classificações, como a paralinguagem, a proxêmica, a tacêsica e a cinésica.

De acordo com Quinet (2017), o corpo possui uma forma e está presente no espaço, podendo ser tocado. Esse tipo de corpo é o que a ciência trata, diferentemente da psicanálise. Ela cuida de um corpo que se é dançante e se expressa. Ele também demonstra o que é simbólico para o paciente. O corpo possui esse papel crucial dentro da psicanálise, também, na chamada fase do espelho. Neste momento, a criança se olha no espelho, reconhece sua imagem e assume gestos, experimentando de forma lúdica os movimentos que a imagem refletida assume, com seu próprio corpo e com as pessoas a sua volta, e com isso o seu “eu” se organiza.

As formas da linguagem não verbal também podem ser afetadas pelas características físicas e por fatores do meio ambiente. As características físicas são a forma e aparência do corpo; isso permite que as pessoas transmitam informações, como a faixa etária, estado de saúde, origem étnica e social, entre outras. Os objetos usados pela pessoa

também podem mostrar informações, como o uso de joias, o tipo de roupa que a pessoa usa, tipo de carro, ou pode também mostrar algumas relações, como quando há uso de aliança ou anel de graduação por exemplo. Já os fatores do meio ambiente são como os objetos estão dispostos em certo espaço, se considerando as características do lugar e do objeto, como sua cor, tamanho e forma (KNAPP, 1980).

2.1.1 A linguagem falada

A paralinguagem é parte da comunicação não verbal, mas aparece no modo como a pessoa usa a voz, sendo o elemento que acompanha a fala; a produção verbal. É qualquer tipo de som produzido, e inclui o ritmo da voz, a intensidade e entonação. A forma como a paralinguagem é usada pode influenciar no aceitação de uma pessoa em certo grupo por exemplo (SILVA *et. al.*, 2017).

Para Schimidt e Duarte (2017), sinais paralinguísticos também podem demonstrar sentimentos e o nível de relacionamento pessoal. Na tristeza por exemplo, pode-se perceber que a pessoas assume uma voz mais grave, com ritmo lentificado. Enquanto isso, durante a felicidade, a pessoa apresenta uma voz mais aguda, com ritmo acelerado e o volume da voz um pouco mais elevado.

2.1.2 A linguagem do movimento

De acordo com Caetano (2019), a dança já vem sendo usada há muito tempo, desde a era paleolítica em que é perceptível a presença da mesma, fato este percebido por desenhos nas paredes de cavernas. Usavam este recurso para expressar quando se sentiam felizes e estavam alegres, devido ao sucesso na caça, em momentos de perdas e lutos, ou como manifestação religiosa, com cultos a deuses.

A manifestação da dança não é estática, e vem sofrendo mudanças a depender da época, cultura, ou mesmo sociedade em que é expressa, servindo ainda a diferentes funções. Na idade média, por exemplo, poderia ser usada como forma de adorar o plano divino,

podendo usar de adereços para isso, como era o caso da China e da Índia (CAETANO, 2019).

Com relação a necessidade de utilizá-la, têm-se a mesma como uma forma de expressão de como o ser humano percebe a si e a seu estado interno, transmitindo ainda questões positivas ou negativas do corpo e da mente do indivíduo, o prazer sentido na realização de certos movimentos, e ajuda o sujeito a alcançar algo (CAETANO, 2019).

A respeito dos benefícios proporcionados pela dança, Caetano (2019) relata que se pode citar o bem-estar que proporciona à mente, ao corpo e ao convívio social, sendo uma forma de exercitar o corpo. Pode, ainda, ser uma forma da pessoa conseguir se autoconhecer, e perceber o próprio corpo, contribuindo na percepção e sensibilização sobre o que acontece à sua volta, além de ser um meio de superar seus próprios limites. O ser humano, através da dança, consegue transmitir conflitos internos, através da forma como a pessoa dança, usa o espaço, o jeito como anda, etc. E esse recurso já vem sendo usado em contextos como hospital, escola, psicoterapias individuais ou grupais, etc. A mesma se constitui, portanto, como uma importante possibilidade terapêutica, oferecendo, por exemplo, alívio dos sintomas depressivos, sendo importante para esse alcance como tratamento entender como o indivíduo convive com ele mesmo e seu meio social, e como seu corpo se porta diante de seus vínculos (CAETANO, 2019).

2.2 A linguagem analisada a partir da cultura

A cinésica diz sobre o estudo de movimentos corporais, assim como gestos, movimento dos membros, um balançar de cabeça ou até mesmo as expressões faciais. Ela pode ser compreendida a partir do contexto em que movimento ou expressão corporal é realizado. A cinésica deve ser analisada se considerando a cultura da pessoa, já que essa padroniza a postura corporal, o movimento e as expressões faciais, o modo como integrantes de um grupo se comportam, e os significados dos gestos realizados. O corpo não diz qual o significado de uma mensagem se analisado sozinho, sendo necessário

entender o contexto, e os diferentes significados em cada sociedade (BIRDWHISTELL, 1985).

Ainda assim, de acordo Ekman (1973), alguns gestos são universais, como as expressões faciais de raiva, medo, alegria, tristeza, entre outros.

"Tanto os instintos sexuais como os instintos do ego, têm, em geral, os mesmos órgãos e sistemas de órgãos à sua disposição. [...] A boca serve tanto para beijar como para comer e para falar; os olhos percebem não só alterações no mundo externo, que são importantes para a preservação da vida, como também as características dos objetos que os fazem ser escolhidos como objetos de amor. [...] Quanto mais estreita a relação em que um órgão [...] contrai com um dos principais instintos, tanto mais ele se retrai do outro" (ANZIEU, 1998).

Dessa forma, a cinética pode ser usada com o objetivo de determinar o comportamento corporal visível da pessoa, para que se entenda como a mesma se sente em relação a certas situações (BIRDWHISTELL, 1985).

2.3 A linguagem da proximidade nas interações sociais

Outro elemento da comunicação não verbal é a proxêmica. Silva (2006) classifica o conceito como o uso do próprio espaço que as pessoas fazem, e a distância que as elas mantêm uma das outras, o que pode mudar de acordo com a cultura ou grupos sociais com o qual se interage por exemplo. Ela também pode mostrar a diferença de status, preferências, com quem a pessoa se possui certa simpatia, ou até mesmo relações de poder.

Hall (1959), propõe quatro categorias do uso do espaço em interações sociais. Elas seriam o espaço íntimo, de até 45cm, onde apenas pessoas próximas ocupam, como um parceiro amoroso; o espaço pessoal, de até 120cm, os quais são ocupados por amigos e familiares; o espaço social, de até 370cm, utilizado com colegas de trabalho; e o espaço público, em mais de 370cm de distância, utilizados ao se falar com um estranho pela primeira vez ou ao se perguntar uma informação para alguém desconhecido. Porém a utilização desse espaço pode mudar dependendo do contexto, como quando precisamos

pegar um ônibus cheio ou conversar com alguém em uma festa, na qual se mantém uma distância menor por um determinado tempo.

2.4 O uso do toque na linguagem não verbal

A tacênica é tudo o que envolve o tocar, seja uma pressão exercida em algum lugar do corpo, o local onde se toca, e a idade e sexo das pessoas que se tocam. Ela tem relação com a proxêmica, e também pode ser interpretada de diferentes maneiras de acordo com a cultura e expectativa de relacionamento entre as pessoas, podendo ter vários fatores: a duração seria o tempo de contato do toque; a localização se refere a qual parte do corpo foi tocada; a frequência se refere à quantidade de vezes que o toque ocorre; a ação e a velocidade em que nos aproximamos da pessoa para tocá-la; a intensidade se refere à pressão que se usa, assim como a sensibilidade do local; e a sensação é como o toque é interpretado, podendo ser de forma agradável ou não (SIQUEIRA; CRUZ, 2005).

Para Azambuja (2005), o contato pode provocar diferentes sentimentos na pessoa, causando felicidade ao se oferecer apoio, consolo ou uma presença amiga, ou gerando raiva, medo ou tristeza quando a pessoa se sente rejeitada, desprezada ou invadida, por exemplo. Utilizar o toque com uma pessoa, de forma afetiva, pode trazer benefícios.

2.5 O corpo na visão da psicanálise

Freud afirma que a psicanálise é uma psicoterapia. Dessa forma, seria um trabalho que tenta curar doenças emocionais a partir do meio psíquico. Algumas das doenças que tentavam curar na época eram a histeria, neurastenia, melancolia, entre outras. O tratamento recomendado por Freud era o tratamento psíquico, que consistia de uma conversa terapêutica, no caso, a psicoterapia (MEZAN, 1996).

A psicanálise fundada por Freud se interessou inicialmente pelos casos de histeria e afirmava que deveriam ser consideradas não apenas a anatomia de seu corpo (que se encontravam paralisados ou com afasias), mas a representação corporal presente no

imaginário social. Trabalhando com as mesmas, ele percebe que elas mostram algo de si, em seu corpo pela via do sintoma. E é este último, que faz o diálogo, e o que sobressai é a existência de um desejo de ordem sexual, resultante de um conflito inconsciente. O corpo destas pacientes, expressam seu psiquismo, obedecendo a esse desejo do inconsciente, e é coerente com suas histórias de vida. O corpo entraria em cena na psicanálise ao se relacionar com o sintoma. O mesmo trás uma leitura diferenciada do corpo daquele presente na medicina tradicional. Este novo modelo é marcado pelo desejo inconsciente, sexual, e a linguagem o atravessa. Nesse caso, o sujeito não tem um corpo, ele é um corpo, marcado pelo subjetivo, uma articulação singular (LAZZARINI, 2006).

Posteriormente, Freud destaca em sua elaboração teórica as zonas erógenas do corpo, locais privilegiados que relacionam o dentro e o fora do corpo, onde os estímulos evocam uma sensação de prazer. Além disso, cria também o conceito de pulsão, que seria o local de encontro entre o corpo e o psiquismo e está dividido ainda em sexuais e as de autopreservação. Ao postular sua segunda tópica com um novo dualismo de pulsão, existindo a de vida e a de morte, e em um de seus livros o Ego e o Id de 1923, ele fala de noção de corpo associada à noção do Eu, afirmando: "um outro fator além da influência do sistema pré-consciente, parece ter desempenhado papel em ocasionar a formação do ego e sua diferenciação do isso. O próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície, constitui um lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas quanto internas". Em suma, "o Eu é mais uma subjetivação da superfície corporal do que uma aparelhagem mental" (LAZZARINI, 2006).

Jacques Lacan, um dos grandes intérpretes dos textos freudianos, dizia que o sujeito da ciência era quem se atendia em psicanálise. Ela seria um procedimento, que investiga processos mentais que não podem ser acessados de outra maneira. Também havia um método para tratar esses distúrbios neuróticos e várias informações psicológicas, que juntamente começaram a criar uma nova disciplina que se inseria na ciência (CELES, 2005).

2.6 Os atos falhos como forma de linguagem

Os atos falhos, tal como descritos pela psicanálise, seriam substitutos de um desejo inconsciente e recalcado que, pela distorção e censura que operam sobre ele, retornam de forma impulsiva. Os mesmos falham segundo a intenção do sujeito, mas são bem sucedidos no objetivo do desejo inconsciente vir à tona (LINS, 2012).

Uma das formas de manifestação dos atos falhos seriam os "combinados", que possuem um sentido, como outros lapsos, seja de escrita, esquecimentos ou fala, mas ocorre uma repetição e persistência no erro, que praticamente confessa sua intenção verdadeira (LINS, 2012).

Haveria ainda, os "equivocos na ação ou atitude ou atos descuidados" e os "atos sintomáticos e acidentais". No primeiro grupo o sujeito, ao agir de forma diferente do que pretendia, tenta justificar-se como sendo uma falta de atenção ou descuido. Já o segundo, um pouco mais complexo, seriam as perdas de objetos, pequenas manias como "retorcer a barba", brincar com moedas de bolso, etc.

Lacan, dando continuidade à definição dada por Freud aos atos falhos, afirma que eles possuem uma dimensão significativa, orientadas pelo simbólico da linguagem, quando onde o ato diz algo, o mesmo revela a força do inconsciente que convocaria o corpo do sujeito contra a vontade consciente do mesmo. E são interpretáveis, sendo, portanto, uma linguagem, e com isso se torna uma forma de fala, onde o que não é expresso em palavras se expressa pela ação, e o que não é elaborado psiquicamente retorna por meio do ato (LINS, 2012).

3 MÉTODO

O presente estudo é realizado nos moldes de uma revisão de literatura, sendo importante no processo de investigação. É importante localizar, analisar, sintetizar e interpretar a investigação do assunto, o relacionando com a área que está sendo estudada, sendo uma análise bibliográfica detalhada, com referência aos trabalhos que foram publicados anteriormente sobre o tema. É necessário definir bem o problema, para se obter uma ideia precisa sobre o estado atual dos conhecimentos sobre um tema em específico, suas

lacunas e contribuição da investigação, para que o conhecimento seja desenvolvido (BENTO, 2012).

Como critérios para seleção da amostra, considerou-se: a) publicações em periódicos nacionais e internacionais, escritos em língua portuguesa, entre o período 1993 e 2022, com artigos de periódicos qualificados entre A1 e B3 segundo o QUALIS; b) artigos indexados com as palavras chave linguagem não verbal, psicanálise, comportamento, expressão corporal, comunicação, histeria, problemas emocionais, alterações afetivas, nas bases de dados Scielo, Associação Brasileira de Medicina Psicossomática, Edições UESB, Repositório Institucional UEA, Atlântica Editora, Associação Brasileira Rede Unida, Biblioteca Digital USP, Universidade Federal Fluminense UFF, Google Acadêmico, UNIVAG; c) periódicos disponíveis no Brasil, nas bibliotecas da Universidade Salgado de Oliveira e da Universidade Federal de Minas Gerais.

Na busca inicial foram considerados o título e o resumo dos artigos para seleção ampla de possíveis trabalhos de interesse. Após o levantamento literário, realizou-se a leitura exploratória do material encontrado visando avaliá-lo, considerando-o de interesse ou não à pesquisa.

Finalmente, foram delimitados os textos a serem interpretados em um total de 15 artigos. Destes, 6 foram encontrados na Base de dados Scielo, 1 na Base de dados Associação Brasileira de Medicina Psicossomática, 1 na Base de dados Edições UESB, 1 na Base de dados Repositório Institucional UEA, 1 na Base de dados Atlântica Editora, 1 na Base de dados Associação Brasileira Rede Unida, 1 na Base de dados Biblioteca Digital USP, 1 na Base de dados Universidade Federal Fluminense UFF, 1 na Base de Dados Google Acadêmico, 1 na Base de Dados UNIVAG.

21 trabalhos compõem os resultados discutidos neste estudo.

A partir desse momento, os artigos foram analisados por meio de um instrumento que viabilizasse a organização das ideias dos diversos estudos para responder à pergunta do presente trabalho. O instrumento tem como objetivo integrar os artigos lidos em suas

diferenças e semelhanças “conceituais” permitindo uma aproximação à concepção geral acerca do uso da psicanálise com o uso da linguagem corporal, ajudando o paciente a identificar seus problemas emocionais, conforme tratada nas pesquisas analisadas (ANEXO I).

4 RESULTADOS

De acordo com (LINDENMEYER, 2012), a questão de existir uma psicologia própria às doenças ou manifestações somáticas, vem se impondo a partir do trabalho analítico com pacientes que apresentam manifestações somáticas diversas. O que nos implica a fazer uma releitura do sistema somático e do estatuto do corpo para a psicanálise.

Atualmente é perceptível uma confusão terminológica para definir o que é o corpo e suas manifestações na teoria psicanalítica, sendo muitas vezes distante da proposta freudiana sobre o corpo. Uma confusão que já existe a longo prazo, na qual o corpo foi objeto de numerosos debates e divergências teóricas. Como apontava Freud, o corpo é o lugar do qual emerge o pulsional e seu meio de chegar à satisfação, seja ela no prazer ou no desprazer (LINDENMEYER, 2012).

Uma nova representação do corpo humano aparece a partir do século XIV, com a dissecação de corpos começando na Itália e expandindo-se por toda a Europa. Com a dissecação e a subsequente localização dos órgãos, a tendência anatomopatológica iniciada na Itália se expande para toda a Europa, vindo a se impor como a prática mais interessante para o desenvolvimento da medicina. Um fato interessante é que, no momento em que o interior do corpo perde sua obscuridade e passa a ser dominado pelo olhar e pelo que é identificado por este olhar, o seu poder de lugar de figurabilidade desaparece (LINDENMEYER, 2012).

A partir do século XV, o ritmo se acelera e um número importante de dissecações e trabalhos dedicados à anatomia são realizados, onde juntam-se artistas da Renascença

interessados em representá-lo o mais próximo de sua realidade, sendo os desenhos anatômicos de Leonard da Vinci os mais famosos. Sendo assim, anatomia passa a ser a rainha das ciências médicas e perdura durante séculos (LINDENMEYER, 2012).

A visualização dos órgãos e a descrição de seus funcionamentos ou seus disfuncionamentos, ajudaram no surgimento da ideia de "doença orgânica". Que pode ser entendida como um disfuncionamento em determinado órgão denuncia a presença de uma doença (LINDENMEYER, 2012).

Lindenmeyer, 2012 afirma que enquanto a medicina avança em suas performances científicas sobre o corpo, no século XIX uma forte crítica aos médicos aparece. A valorização excessiva da dimensão orgânica das doenças deixando de lado a pessoa do doente, seus aspectos subjetivos, pois ainda que o corpo apreendido pela medicina continuasse a ser nomeado pelo saber médico, seus disfuncionamentos persistem, denunciando, assim, outros elementos que escapam a este controle. Isso deu nascimento à necessidade de articular outros discursos que permitam a integração dos fatores subjetivos presentes nas doenças.

Victor Von Weizsacker (1956/2011), médico neurologista, defende a ideia que a história de cada sujeito é a base de todas as patologias orgânicas, promovendo desta forma uma reflexão que fomenta a união entre os aspectos subjetivos do sujeito e suas doenças. Suas ideias foram acolhidas pela comunidade médica, e se organizou, a partir daí, um novo campo da medicina. Estas primeiras elaborações permitiram o nascimento do que mais tarde virá a se definir como medicina psicossomática (LINDENMEYER, 2012).

A medicina psicossomática nasce após os primeiros estudos sobre a relação entre o psiquismo e as doenças somáticas, desenvolvidas nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial. Foi promovida pela Escola de Chicago e liderada por Franz Alexander (1943/2002), influenciado por Husserl e Karl Abraham, com quem trabalha no Instituto psicanalítico de Berlin, valorizando a ligação da doença com as características da personalidade do paciente, chegando mesmo a propor um quadro de personalidades específicas: personalidade cardíaca, alérgica, asmática, entre outras (LINDENMEYER, 2012).

Freud pouco a pouco desenvolve o conceito de inconsciente e propõe a construção do aparelho psíquico a partir do corpo, partindo das questões teórico-clínicas sobre as manifestações somáticas. Freud observava Charcot com suas pacientes, sendo que o procedimento era localizar o ponto sensível no corpo e, ao tocá-lo, provocar as crises espetaculares das histéricas. A estes pontos localizados no corpo Charcot chamava de pontos "histerogênicos". Esta experiência, leva Freud a propor, em seu texto *Estudos sobre a histeria*, a ideia de outra cena desconhecida do sujeito que toma posse do ponto eleito no corpo (LINDENMEYER, 2012).

Uma doença somática pode servir para acolher um conflito inconsciente. No mais profundo da estratificação, uma real irritação orgânica provoca a tosse, parecida com o grão de areia sobre o qual as ostras formam a pérola. Esta irritação é susceptível de fixação, uma vez que ela concerne uma região do corpo que guardou, na pequena menina, um papel de zona erógena. Esta irritação pode desta forma fornecer um modo de expressão à libido acordada (LINDENMEYER, 2012).

Como aponta Lindenmeyer (2012), a ideia de que o corpo, devido à sua participação na instauração da sexualidade, tem a capacidade de vir a ser a qualquer momento uma zona erógena. Isso significa, de forma camuflada, um desejo inconsciente recalçado.

A noção de complacência somática dá conta da ideia de que não somente um órgão, mas todo o corpo, pode ser tomado como um meio de expressão. A sua presença e participação da relação do corpo a corpo com o outro materno lhe dá esta possibilidade de vir a ser, a todo o momento que for preciso, um lugar erógeno e lugar de experiências fantasmáticas (LINDENMEYER, 2012).

Para Freud, o corpo é o lugar de inscrição das marcas presentes nas reminiscências das experiências precoces do infante, por onde o Eu poderá se constituir, sendo, assim, o lugar por onde emerge o pulsional, mas também o meio de chegar à sua satisfação, quer ela se dê no prazer ou no desprazer (LINDENMEYER, 2012).

Ao se pensar no tratamento analítico, de acordo com CUKIERT 2004, deve-se tomar cuidado a qual lugar é atribuído ao corpo e a linguagem. A psicanálise deve com isso

evitar transformar o sujeito em apenas ideia ou representação, uma vez que o mesmo é constituído e atravessado pela linguagem, e isso não significa separá-lo de seu corpo. Se faz necessário ainda considerar o que há de particular e diferencial no sujeito, seu inconsciente e as pulsões.

A teoria psicanalítica ao focar o pensamento e linguagem, não considerar o corpo como campo de ação e interesse, poderá ser substituída por outras práticas terapêuticas como a farmacologia ou terapias corporais. Os analistas devem compreender que o analisando possui um corpo e que a existência é práxis (CUKIERT, 2004).

Segundo a visão freudiana, haverá uma articulação entre o orgânico e o psíquico mediado pelo corpo erógeno, e este último só se faz, amparado ou articulado com o corpo vivo (CUKIERT,2004).

Segundo Lacan, não haveria uma prevalência da comunicação verbal sobre a não verbal na relação analítica, valendo-se apenas do discurso. Afirma ainda, que a segunda forma de comunicação aqui descrita permanece na análise, e que o sintoma vai além do discurso e da fala, se trata de coisas que acontecem no cotidiano do sujeito, sendo importante também os fenômenos dos distúrbios de memória, sonhos, lapsos e chistes. O mesmo menciona, por fim, que o inconsciente não se exprime no discurso, e que há uma grande variedade de fenômenos analíticos que se lida no sintoma e na neurose é estruturado como linguagem (CUKIERT,2004).

Lacan, leitor de Freud, não busca a equivalência do corpo investigado no modelo freudiano como pulsional, erógeno e nem tampouco orgânico, mas o corpo vinculado ao gozo, advindo da consequência do significante fornecido pelo Outro e incorporado pelo sujeito, cabendo ao sujeito nomeá-lo através da linguagem (STERNICK, 2010).

Podemos perceber, em grande parte das vezes que se consulta uma fonte na qual Lacan se refira ao Real, que os registros Simbólico e Imaginário são evocados como recursos para defini-lo. Na perspectiva lacaniana, o Real é o impossível. Sabe-se que o Real não comporta simbolização e, por isso, acaba tendo a dimensão da insistência; na lógica lacaniana, é o que "não cessa de não se inscrever". Sendo assim, se tenta dar sentido para aquilo que não tem sentido. Dar sentido ao Real é a função do Simbólico, mas também, o sentido é sempre Imaginário. O *Simbólico* é um registro que ordena. Essa é a

função do símbolo e também da linguagem, só a partir dele é que se poderá ordenar o Real e o Imaginário (STERNICK, 2010).

O termo *Imaginário* é confundido por vezes, com conotação de ilusão, produzindo elucubrações fantasiosas. Na psicanálise se trata também, da relação dual que um sujeito estabelece com a formação de sua imagem e de seu Eu. Foi justamente com uma exposição sobre essa questão que Lacan introduziu esse termo na psicanálise, de onde vieram muitos desdobramentos (STERNICK, 2010).

Lacan procura articular o corpo sempre que é pertinente, ligando-o ao tema que toma espaço e consistência em seus estudos em uma determinada época. Quando, por exemplo, ele explicita os registros do Imaginário, Simbólico e Real, termos fundamentais ao longo de seu ensino, novas formulações são associadas ao tema do corpo (STERNICK, 2010).

Segundo Lacan, o corpo é vivido pela criança inicialmente como um corpo espedaçado. Espera-se que a criança, após cumprir os três tempos do estágio do espelho, possa organizar, construir e constituir a imagem de seu corpo de maneira uniforme, pois esse é o tempo na vida de uma criança que revela o que ficou capturado e congelado nessa imagem: ainda que o sujeito fique preso nela por toda sua vida, essa construção é fundamental para a constituição de seu Eu (STERNICK, 2010).

Como aponta Sternick (2010), é certo que a imagem vista pelo sujeito no espelho é um esboço primitivo daquilo que será o seu Eu. Aliás, para Lacan, é especificamente no terceiro tempo do espelho que o Eu se forma, pois, a partir daí, o bebê, após assumir a imagem de seu corpo como sendo sua, poderá identificar-se com ela. Pode-se dizer com Lacan que o Eu é, essencialmente, imaginário. Nesse sentido, Lacan parece estar de acordo com Freud e recorreremos, à guisa de lembrança, a dois momentos freudianos que traduzem a harmonia de pensamento entre Freud e Lacan.

O sintoma leva gozo ao corpo, as enfermidades orgânicas são exemplos disso. O corpo deserto de gozo reduz a excitação psíquica ao nível mínimo. Quando Lacan se refere à incorporação do significante ao corpo, mostra que a linguagem subtrai algo do gozo. Há, então, o efeito do significante sobre o organismo, quando ele ganha as insígnias da

pulsão, pois, desse modo, o corpo passa a ser *corpsificado*. Nesse sentido, podemos dizer que só quem tem um corpo goza dele, mas para isso é preciso apropriar-se dele através da linguagem. Por isso, para gozar, é preciso ter um corpo (STERNICK, 2010).

O conhecimento tem uma relação ativa com o meio em que se vive, podendo mudar de acordo com o mesmo. Dessa forma, o funcionamento mental, assim como o contexto sociocultural, é interativo, de forma que o comportamento se torne passível de ser analisado. As estruturas cerebrais mudam com o passar do tempo, fazendo com que a pessoa construa uma nova relação com o ambiente, formando novos contextos e, logo, apresentando diferentes comportamentos. Quando o conceito de consciência passou a ser aceito cientificamente, ela passou a ser utilizada para explicar como o comportamento ocorria (CÂNDIDO, 2003).

Assim, Cândido (2003) afirma que o estímulo do meio ambiente é capturado internamente, e aparece a partir do corpo, de uma forma distinta. A pele é vista como um meio de trabalhar juntamente esses estímulos distintos, mostrando a partir do corpo como a pessoa age em frente a uma situação. Dessa forma, o exterior demonstra o que o homem sente na sua interioridade, de forma que a realidade e o sujeito se constituam simultaneamente. Ainda assim, a forma como se vê uma pessoa é diferente da forma como ela mesma se vê. Por isso, é importante entender o modo como o sujeito enxerga suas próprias experiências, para entender seus sentimentos e a relação que elas possuem com o meio. Também não se pode julgar o que o outro expressa, já que as sensações se diferem para cada pessoa.

Um ser humano é capaz de se transformar a partir de suas experiências, sendo essa potencialidade um objeto de pesquisa para os estudantes do comportamento humano. De acordo com Freud o psiquismo surge através do corpo, e as características físicas e mentais se complementam.

A forma como uma pessoa reage, criando padrões específicos de comportamento, expressa as necessidades que esse sujeito apresenta. Essa informação é criada a partir do sistema mente-corpo, de maneira auto-organizada.

Em Bicalho 2016, discute-se como o sujeito tem transformado seu corpo biológico em uma espécie de escultura em busca de perfeição e satisfação perdida. Esse corpo tenta expressar um dito esquecido, manifestando dor e sofrimento, insatisfação e frustração.

O analista entrará em contato com os paradoxos em que vive o sujeito, voltando para a maneira pela qual o sujeito consegue localizá-la em seu discurso, durante a análise. Através da linguagem corporal o sujeito demonstra como vivencia seu corpo, articulando com o sofrimento que constrói seu saber. É preciso construir um corpo falante, saindo de uma posição subjetiva de corpo mudo. É possível trabalhar em análise os meios como a subjetividade se manifesta no mundo contemporâneo, com presença do corpo atrelado ao fenômeno psicanalítico.

Lacan, ao trazer luz sobre a compreensão do corpo em psicanálise, o associa a fase do espelho onde este interliga a imagem construída pelo sujeito em sua história de vida, onde a criança manifesta alegria ao assinalar a assunção da autoimagem. É dito ainda que o corpo intenção de reparar sua relação com o existir transforma o corpo-linguagem em sofrimento, havendo um apelo que em resposta traz o adoecer do corpo. Ainda se considera o poder do olhar do outro, como interferência na forma como este que busca reconhecimento constrói a imagem de seu corpo e de si mesmo. (Bicalho, 2016).

Na clínica o analista precisa conhecer o imaginário de sua época, do ponto de vista ético e estético, o que se tem como referência, que ajudam a construir novas maneiras dos sintomas serem expressos na contemporaneidade. O sujeito construiria então um enigma do seu corpo, e revelaria angústias, desejos, frustrações e decepções etc. Articulando o psíquico e o somático. É fundamental que no contexto analítico o sujeito transite entre a imagem do seu corpo com o real deste, onde na clínica possa expor o que o inquieta através da linguagem e seu efeito sobre o corpo. (Bicalho,2016).

De acordo com Texeira *et. al.* (2020), é possível manter uma comunicação com o outro a partir da linguagem, não precisando necessariamente que algo seja dito. A comunicação pode acontecer a partir do silêncio, demonstrando as representações de um sujeito. Da mesma forma, quando algo é dito, também ocorre a comunicação, podendo ser utilizada a técnica analítica, a partir da associação livre. Dessa forma, é possível notar que tanto a linguagem verbal, quanto a não verbal, são importantes e devem ser analisadas conjuntamente, pois podem trazer notícias sobre o inconsciente da pessoa.

A comunicação não verbal aparece a partir de sinais silenciosos como os gestos, olhares, postura, expressão facial e, inclusive, características físicas, podendo trazer mais

informações do que a comunicação verbalizada. Essa comunicação pode ser utilizada na psicanálise a partir da imagem de uma pessoa, ou a partir dos sonhos. É analisado como o sujeito se veste, como se posiciona no divã, qual sua expressão facial, gestos que realiza e a forma como fala, entre outros (Texeira *et. al.*, 2020).

Freud não distingue o corpo físico do psíquico, mostrando que a somatização aparece para demonstrar sentimentos, sensações e percepções que não foram externalizados, causando, assim, o sintoma. Como a psique e o corpo são considerados como uma mesma coisa, mas é possível que um cliente tenha dificuldade de se expressar verbalmente, pode-se então recorrer à linguagem não verbal. Os pacientes costumam apresentar recursos extralinguísticos que podem ser analisados nesses momentos, por exemplo como se expressam a partir da vestimenta, do comportamento, se demonstram timidez ou tranquilidade, entre outros. O movimento pode demonstrar manifestações inconscientes, que podem aparecer, também, através de atos falhos, sonhos ou chistes, de forma que o processo analítico possa ocorrer (Texeira *et. al.*, 2020).

O corpo é visto como capaz de perceber sensações internas e externas. De acordo com Texeira *et. al.* (2020), “uma das formas que o sujeito dispõe de tomar consciência de seus órgãos e do corpo é por intermédio das doenças que causam dor e sofrimento”. O que está na mente se projeta no corpo. É como se esse fosse um canal de comunicação com o mundo, a partir da utilização da linguagem não verbal, com sensações internas e externas que o estímulo consegue captar.

Não é possível realizar um manejo clínico psicanalítico sem se atentar à questão da linguagem. Porém, quando levadas em conta, o processo contribui para que a pessoa consiga se reconhecer e se entender melhor (Texeira *et. al.*, 2020).

5 CONCLUSÃO

De acordo com o que foi proposto no presente estudo, pode-se concluir que a linguagem não verbal ajuda a psicanálise a encontrar problemas emocionais quando o psicanalista percebe os sinais enviados pelo paciente, como a partir da roupa utilizada, expressões faciais, gestos utilizados, comportamentos, entre outros, apresentados pelo cliente

durante a sessão. Assim como ressaltado por Weil e Tompakow (2015), o comportamento humano não é transmitido apenas por meio de palavras. E ainda, que ao analisar a linguagem corporal juntamente com a fala do sujeito, é possível identificar como a pessoa se sente em determinado momento.

Os resultados obtidos podem ajudar em futuras implementações práticas ao atentar para terapeutas, assim como outros profissionais, que a linguagem corporal pode se mostrar de grande ajuda quando utilizada corretamente, podendo demonstrar sentimentos e emoções que o cliente não diz no momento, ou simplesmente para ajudar a coletar dados sobre como o sujeito se sente em relação a determinado assunto.

REFERÊNCIAS

A. HALL, Judith; ROSENTHAL, Robert **Nonverbal Behavior in Clinician—patient Interaction** Volume 4. Elsevier Ltda., 1995.

ALLAN e PEASE, Barbara **Desvendando os Segredos da Linguagem Corporal** 1.ed. Rio de Janeiro: Sextante Editora, 2005.

ALMEIDA, Mariângela Mendes de **Pandemia e trabalho psicanalítico, do presencial ao remoto** contato com a vida dos estados primitivos da mente em contexto de viralização de angústias. Rev. bras. psicanál, São Paulo, v. 54, n. 3, p. 65-80, set. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2020000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 ago. 2022.

ANZIEU, Didier **O Eu-pele** 2ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.

AZAMBUJA, M. P. R **Violência doméstica** Reflexões sobre o agir profissional Psicologia: Ciência e Profissão, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/rjyZbwcF9K6t6NS7r8WhW7r/?format=pdf&lang=pt>>.

BIRDWHISTELL, R.L **Kinesics and context** essays on body motion communication 4.ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1985.

CAETANO, Ingrid Beatriz Faisão **A adesão de pacientes com sintomas depressivos à prática da dança como recurso terapêutico** um diálogo entre a arte e a saúde mental Repositório Institucional, UEA. AM 10-dez.2019. Disponível em: <<http://repositorioinstitucional.uea.edu.br//handle/riuea/2426>>.

CELES, Luiz Augusto **Psicanálise é trabalho de fazer falar e ouvir** São Paulo, 2005, v. 9, n. 16. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200003>.

DA SILVA, Lúcia Marta Giunta et. al. **Comunicação Não-Verbal** Reflexões Acerca da Linguagem Corporal Vol.8 no.4. Rev. Ribeirão Preto: Rev. Latino-Am. Enfermagem, 2000. 6p. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692000000400008>>.

EKMAN, Paul **A Linguagem das Emoções** 1.ed. São Paulo: Lua de Papel Editora, 2011.

GOMES, Estevão de Castro et. al. **O Corpo em Psicanálise** Algumas Reflexões no Contexto da Covid-19 Univag, 2021. Disponível em: <<https://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/1458/1391>>.

LAZZARINI, Eliana Rigotto e Viana, Terezinha de Camargo **O corpo em psicanálise** Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]. 2006, v. 22, n. 2 [Acessado 18 agosto 2022], pp. 241-249. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200014>>. Epub 13 Nov 2006. ISSN 1806-3446. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200014>.

LINS, Tatiana **Impulsividade na teoria psicanalítica** do ato falho à passagem ao ato Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Março de 2012. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=como+o+corpo+expressa+os+atos+falhos+&btnG=#d=gs_qabs&t=1661451360410&u=%23p%3DR8Tn_M_avloJ>.

MEZAN, Renato **Psicanálise e psicoterapias** Estudos Avançados [online]. 1996, v. 10, n. 27. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40141996000200005>>.

LACAN apud QUINET, Antonio **Corpo e Linguagem** 2017, v.15, n.1, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/2418/2001>>.

SCHIMIDT, Duarte **Paralinguagem como recurso comunicacional com o idoso hospitalizado** v. 16, n. 4. São Paulo: Rev. Enfermagem Brasil, 2017. Disponível em: <<https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/1257/2383>>.

SILVA, D. M. da. **O impacto dos estilos de aprendizagem no ensino de contabilidade na FEA-RP/USP** Ribeirão Preto: FEARP/USP, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/96/96133/tde-24012007-152550/pt-br.php>>.

SILVA, Suely et. al. **Arteterapia uma ferramenta coadjuvante para saúde** v.4, n.1, Saúde em Redes, 2018. Disponível em: <<http://conferencia2018.redeunida.org.br/ocs2/index.php/13CRU/13CRU/paper/view/2113>>.

SIQUEIRA, A. R. P; CRUZ, I. C. F **Produção científica de enfermagem sobre o toque** implicações para a(o) enfermeira(o) de cuidados intensivos 2005. Disponível em: <<http://www.uff.br/nepae/toque.doc>>.

TENENBAUM, Decio **A Linguagem Corporal** Associação Brasileira de Medicina Psicossomática. Rio de Janeiro, 1993. Disponível em: <<http://tenenbaum.med.br/cv/corpo.pdf>>. Acesso em: 22 ago 2022.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland **O Corpo Fala** A Linguagem Silenciosa da Comunicação Não Verbal
74.ed. Petrópolis: Vozes Editora, 2015.